



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 7, v. I maio-out. 2017

p. 179-191.

A lesbianidade e a surdez

Jessica Akemi Kawano Ribeiro¹

RESUMO: O presente artigo visa uma abordagem teórica da vivência da mulher surda e lésbica. Para tal, será usado o conceito de interseccionalidade e identidade, sendo assim possível trabalhar a formação da identidade daquela que é ao mesmo tempo mulher, surda e lésbica. A análise será respaldada por teóricos que abordam a surdez, a sexualidade do indivíduo surdo e teóricas feministas. Após a discussão teórica, serão transcritos trechos da entrevista feita com K., mulher, lésbica não feminina e surda para trazer a experiência real e prática dessa vivência.

PALAVRAS-CHAVE: surdez, lesbianidade, feminismo.

Abstract: The present article aims a theoretical approach of a deaf lesbian woman's experience. For that, it will be used the concept of intersectionality and identity, so it will be possible to work the identity's formation of one who is at the same time woman, deaf and lesbian. The analysis will be backed up by the theories that approach deafness and the deaf individual's sexuality, as well as feminist theories. After the theoretical discussion, parts of an interview with K., a deaf non-feminine lesbian woman, will be transcribed aiming to bring the real and practical experience of her life to knowledge.

Keywords: deafness, lesbianity, feminism.

Resumén: El presente artículo hace un abordaje teórico de la vivencia de la mujer sorda y lesbiana. Para eso, será utilizado el concepto de interseccionalidad e identidad, siendo así posible trabajar la formación de la identidad de aquella que es al mismo tiempo mujer, sorda y lesbiana. El análisis será respaldado por teóricos que abordan la sordera, la sexualidad del individuo sordo y teóricas feministas. Después de la discusión teórica, será transcripta extractos de una entrevista con K., mujer, lesbiana, no femenina, y sorda; buscando traer la experiencia real y practica de esta vivencia.

Palabras clave: sordera, lesbiandad, feminismo.

¹ Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Especializando-se em Educação Especial com Ênfase em Deficiência Auditiva pela Faculdade Eficaz de Maringá. Mestranda em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) E-mail: jessica.akemi_@hotmail.com

Recebido em 21/02/17

Aceito em 03/04/17

Introdução

A análise interseccional ressalta que as mulheres não são de todo iguais, mas se diferem em suas experiências e necessidades a depender dos grupos sociais, econômicos, raciais, étnicos ou culturais a que pertencem. Dessa forma, não pode a mulher surda e lésbica ser tomada da mesma forma que a mulher ouvinte ou heterossexual, visto que as suas peculiaridades a tornam mais vulnerável a um sistema patriarcal, lesbofóbico e ouvintista².

Afirma Lebedeff que as crianças surdas de família ouvinte, a grande maioria, possuem língua “diferente da língua utilizada pelos pais, que buscam na área médica, em primeira instância, respostas e curas para esta diferença” (LEBEDEFF, 2010). Por representar uma minoridade linguística, o povo surdo encontra, ainda hoje, barreiras no acesso à informação e na comunicação até mesmo dentro da própria família. Tratados pela área médica como se estivessem doentes, e não como uma minoria linguística e cultural que são, recebem apenas informações básicas quanto à proteção de DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis) em relações heterossexuais e prevenção à gravidez, no caso das mulheres. Obviamente, isso só será possível se o hospital contar com médico fluente em Libras ou intérprete, o que raramente é possível. E para as lésbicas, quais informações e encaminhamento são possíveis?

A mulher já carrega em si o peso de ser definida e controlada por outrem, também a experiência da violência psicológica e/ou física é terreno comum às mulheres em sua totalidade. Porém, a surdez e lesbiandade representam para as mulheres uma violência ainda mais presente e um controle ainda maior exercido pelos denominados comuns que, por terem o poder de nomear (DWORKIN, 1981, p. 17), acabam por definir a própria existência das minorias, dos chamados estrangeiros em sua própria terra. Qual o papel da mulher surda e lésbica dentro da sociedade? Onde elas estão ausentes da vida pública, dos cargos, das relações interpessoais? Por que ainda hoje elas são esquecidas, tanto no movimento feminista e lésbico como no movimento surdo?

A subjetividade do indivíduo surdo

A formação do indivíduo surdo, apesar dos notáveis avanços, permanece rasa e unidirecional. A educação em um contexto geral já é quase que totalmente voltada ao mercado de

² Segundo SKLIAR, “é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte” (SKLIAR, 1998, p. 15 apud STROBEL, 2007, p. 19).



trabalho e à formação de mão de obra capacitada; segundo Saviani, a educação se volta ao aprendizado técnico das linhas de produção e, “ao ensaiar transpor para a escola a forma de funcionamento do sistema fabril, perdeu de vista a especificidade da educação” (SAVIANI, 1999, p. 26). Porém, essa situação é ainda mais agravante na educação para surdos.

Os indivíduos surdos contabilizam apenas 1% do mercado de trabalho formal (Primeiro Impacto, 2016), visto que a barreira linguística e cultural representa um grande empecilho para a contratação de um surdo. Visando esse quadro e a inclusão do indivíduo surdo, a educação para surdos acaba por se tornar um eterno processo de capacitação para que ele se torne tão produtivo quanto qualquer outro. De certo, permitir a entrada dos surdos no mercado de trabalho formal é um passo necessário e importantíssimo, não só para a sobrevivência, mas para a autonomia, autoestima e bem-estar do indivíduo surdo. Porém, muitas vezes, esse enfoque na questão financeira e trabalhista acaba por abafar ou ignorar por completo outras questões tão importantes quanto.

A subjetividade e formação do indivíduo é também essencial para a educação de surdos. A falta de comunicação e integração do surdo na comunidade e na sua própria família – quando a família é ouvinte - pode atrasar ou impedir a construção saudável de uma imagem de si e sua personalidade e, como nenhuma relação se dá sozinha, também a sua relação com os outros e com o mundo.

É comumente retratada a experiência do indivíduo surdo que passa boa parte de sua infância, por vezes até da adolescência, sem sequer saber que é surdo (LABORIT, 2000; OCHRONOWICZ, 2009). A família, quando ouvinte, não tem conhecimento do assunto, não sabe se comunicar com a criança, insiste em denominá-la ‘deficiente auditiva’. Tal falha, quando não ausência total na comunicação atinge diversas áreas da vida do surdo. Porém, aqui será ressaltada a questão da descoberta da sexualidade e as relações interpessoais, especificamente, da mulher surda e lésbica.

Aqui, se torna necessário trazer o conceito da interseccionalidade. A professora de direito Kimberlé Crenshaw cunhou o termo nos anos 80:

A visão de que as mulheres experimentam a opressão em configurações variadas e em diferentes graus de intensidade. Padrões culturais de opressão não só estão interligados, mas também estão unidos e influenciados pelos sistemas interseccionais da sociedade. Exemplos disso incluem: raça, gênero, classe, capacidades físicas/mentais e etnia. (CRENSHAW apud VIDAL)

Uma análise interseccional precisa levar em consideração as diversas classes e grupos que o ser humano é incluído no decorrer da vida, classes essas que podem trazer opressões ou privilégios.



Logo, uma visão feminista interseccional não vê o grupo de mulheres como homogêneo e único, mas formado por diversas características destoantes. Nem toda mulher tem a mesma experiência e as mesmas necessidades. A mulher negra ou lésbica, por exemplo, possui experiência diferente daquela da mulher branca ou heterossexual. A mulher surda e lésbica, portanto, carrega opressões diferentes e deve ser reconhecida e apoiada dentro de suas diferenças. Assim, é preciso que o feminismo reconheça a questão lésbica e surda; da mesma forma que o movimento surdo precisa reconhecer a luta feminista e lésbica.

A surdez carrega um estigma milenar envolto de preconceitos, falta de conhecimento e desinteresse. Cito Strobel:

LANE (1992) comenta que o povo ouvinte, quando questiona “quem são os surdos”, levanta algumas suposições sobre as representações dos mesmos através de leituras restringidas sobre o mundo de surdos. Não tendo onde se basear, podem ocorrer algumas suposições distorcidas e errôneas. (STROBEL, 2007, p. 21)

A sociedade ouvinte denomina o surdo, ao mesmo tempo, como coitadinho e violento. Quaisquer reações do surdo frente a algo que lhe desagrada podem ser automaticamente tomadas como agressão ou descontrole, visto que a linguagem das Libras é falada através de sinais que podem incluir movimentos do corpo e expressões faciais. Quando não, o indivíduo surdo, ao perceber a incompreensão da Libras pelo interlocutor ouvinte, pode recorrer à própria voz, o que muitas vezes aumenta ainda mais o desentendimento, visto que a voz do surdo, por não possuir *feedback*³, pode soar alta ou baixa demais, ou não ser facilmente compreendida.

A sexualidade do indivíduo surdo

Diversas complicações podem resultar no bloqueio na comunicação, sendo que surdos filhos de pais surdos tendem a desenvolver-se melhor em diversos âmbitos devido à comunicação completa entre eles e compartilhamento da mesma língua. Em famílias ouvintes que muitas vezes não se empenham em aprender a Libras e se limitam a fazer mímicas para se ‘comunicar’ com o surdo, a criação é limitada, pois “é na família que muitos valores, crenças e costumes são transmitidos de geração para geração, por meio da linguagem” (NEGRELLI; MARCON, 2006). Como a pessoa surda vai aprender sobre comportamento, ética, moral, saúde ou sexualidade se os pais só conseguem se referir a coisas triviais com eles?

³ É preciso destacar que o indivíduo surdo não é mudo necessariamente. Alguns desenvolvem a fala, porém, visto que não há retorno auditivo do que é dito, esta pode soar confusa.



Dessa forma, a própria saúde do surdo é colocada em risco. Muitas vezes eles sequer têm conhecimento sobre a AIDS e DSTs, por exemplo, e “morrem dela, como muitos outros, por falta de informação” (LABORIT, 2000, p. 111). A conversa entre pais e filhos sobre sexualidade ainda hoje carrega, em muitas famílias, um paradigma conservador, sendo conhecido como um momento embaraçoso que deve ser evitado. Quando os filhos fogem do padrão esperado, seja fisicamente ou mentalmente, o problema é ainda maior.

Segundo Giami, “os diferentes ou são percebidos de maneira infantilizada, assexualizados, ou, no extremo oposto, como feras sexuais, agressivos e exibicionistas” (LEBEDEFF, 2010, s/p). Cito Abreu (2011):

Por vezes, os deficientes são vistos como seres que não estariam ligados as manifestações sexuais, envoltos em uma penumbra de bondade angelical, em outras situações são vistos como possuidores de uma sexualidade exarcebada e fora do controle. Para grande parcela da sociedade é impensável que uma pessoa com deficiência possa manter relações sexuais ou que ela tenha um corpo desejado e sinta desejos. (ABREU, 2011, p. 71).

Assim, o tema sexualidade é evitado como se o indivíduo fosse uma eterna criança que não sente desejo nem é desejada ou, ainda pior, como se o assunto fosse incentivar o indivíduo a praticá-lo de forma inconsequente. Moukarzel (2003, p.73) identifica que para alguns a desinformação funciona como uma barreira protetora contra as manifestações sexuais de seus filhos.

Porém, a sexualidade do indivíduo surdo se desenvolve como a do indivíduo ouvinte, assim como a do cego ou do portador de necessidades especiais físicas ou mentais. As condutas deles consideradas inadequadas se dão justamente devido à falta de informação e diálogo. Nas palavras de Abreu, “a falta de comunicação, tanto pela falta de fluência em Libras quanto no silenciamento familiar acerca das discussões/orientações que envolvem temas relacionados à sexualidade, é fator prejudicial para uma orientação sexual efetiva” (Ibidem, ibidem).

Atualmente, com a chegada da tecnologia, as coisas tendem a mudar seu rumo. Ao menos nas casas em que já há maior acesso à informação e meios de comunicação, algumas ideias mais conservadoras começam a ser abandonadas. Além do mais, na atualidade, os jovens no geral tendem a tirar suas dúvidas entre amigos ou pesquisando na internet ou outras fontes que não a família.

Com esses desenvolvimentos, pesquisadoras e pesquisadores passaram a se preocupar com a sexualidade de portadores de necessidades especiais (MOUKARSEL, 2003; MAIA, 2006;



ABREU, 2011), incluindo os surdos. É certo que ainda hoje a grande maioria dos estudos são voltados à questão educacional e divulgação da Libras, mas, pouco a pouco, a questão afetiva e sexual começa a ser abordada.

Infelizmente, tais pesquisas permanecem sendo realizadas por um viés tradicional e limitado. Ou seja, abordando principalmente a sexualidade entre homem e mulher, a prevenção de doenças, a procriação, etc. enquanto que a sexualidade desviante da norma padrão, como a homossexualidade, não é mencionada ou é vista como um desvio social do indivíduo que não teve contato suficiente com as relações entre homem e mulher (PAULA, REGEN, LOPES, 2005 apud ABREU, 2011).

Nesse contexto, a mulher surda e lésbica se sente deslocada e desinformada. Como ela aprenderá sobre suas relações afetivas lésbicas e como irá saber sobre a prevenção de DSTs entre mulheres se as informações disponíveis em Libras ou textos voltados aos surdos tratam majoritariamente da sexualidade heterossexual?

Maia retrata que mães de surdos consideram a homossexualidade um incômodo ainda maior que a surdez; como se aceitar uma deficiência fosse até suportável, enquanto que a homossexualidade, um fardo pesado demais (MAIA, 2009a apud ABREU, 2011). Importante destacar que Abreu, em sua tese, entrevista três homens gays e surdos. O número de materiais teóricos especificamente voltados às mulheres surdas e lésbicas é ainda menor.

Outro ponto destacado por Abreu refere-se a uma diferença entre o comportamento da família em relação às filhas ou filhos portadores de necessidades especiais. Segundo ele, os meninos são muitas vezes levados para casas de prostituição para que aprendam e se satisfaçam (MOUKARSEL, 2003 apud ABREU, 2011, p. 87), ou seja, a sexualidade deles é vista como meramente um instinto biológico, sem a capacidade de desenvolver afeições. Já a menina, pelo contrário, tende a ser distanciada de sua sexualidade, podendo desenvolver, já na vida adulta, um relacionamento superprotegido e infantilizado.

Esses relacionamentos vigiados excessivamente nos quais a mulher surda ou portadora de outras necessidades especiais é vista como uma criança assexuada reforçam ainda mais uma dependência tardia, impedindo que ela desenvolva sua própria autonomia e identidade. Nas palavras de Kant (1780), a mulher, e ainda mais a mulher surda, permanece na *minoridade*; porém, por fatores que vão além daqueles retratados pelo filósofo: preguiça e covardia, mas sim por causas externas e pressões sociais.



Muitas pessoas surdas preferem se relacionar entre surdos e tais relacionamentos são denominados endogâmicos⁴, e são a elas uma afirmação de que “sou uma pessoa surda e desejo estar em contato com outras pessoas que compartilhem minha língua” (KYLE e WOLL, 1985, p. 21 apud KARNOPP, 2008). E, embora a língua seja o mais importante na identificação entre surdos, podem existir também outros aspectos, como a “convergência de aspectos políticos, sociais e linguísticos entre os membros dessa comunidade” (KARNOPP, 2008, s/p). Isso ocorre principalmente entre os surdos de família surda, pelo maior contato com a língua e cultura surda desde a infância. Por outro lado, surdos de famílias ouvintes também podem ter o mesmo incentivo, pois a família tende a ver a filha ou filho surdo como ingênuo e a parceira ou parceiro ouvinte como uma possível ameaça. Afirma Freire e Santos:

O relacionamento entre surdos torna-se mais fácil no que se refere à convivência, pois possuem visão de mundo parecida, semelhante; as experiências vivenciadas são próximas, um surdo compreende mais facilmente a atitude e o comportamento de outro surdo, principalmente se estes participam de uma Comunidade Surda. (FREIRE; SANTOS, 2012, p. 2)

A mulher surda e lésbica

Porém, a mulher lésbica e surda pode encontrar dificuldades para encontrar uma parceira. Com o avanço da tecnologia e da ciência, doenças como pneumonia ou rubéola, que podem desencadear em surdez, são cada vez mais raras. Embora existam outras causas para a surdez⁵, o censo do IBGE em 2010 contabilizou apenas 9,7 milhões de brasileiros surdos, ou seja, 5,1% da população brasileira⁶. A possibilidade de encontrar outra mulher surda e lésbica, e que tenham afinidade, pode ser mínima, principalmente em cidades pequenas ou muito conservadoras.

Por outro lado, a mulher surda e lésbica que opta ou se vê obrigada a se relacionar com mulheres ouvintes também não encontrará facilidades. Ainda hoje poucas pessoas ouvintes têm conhecimento da língua e cultura surda, o que reduz as chances de uma mulher surda namorar uma mulher ouvinte. Aqui há outra barreira, mas não menos incômoda: a da comunicação. Mesmo que lésbicas surdas e ouvintes se relacionem, a mulher surda terá que ler lábios e falar oralmente, se oralizada, o que ainda assim é um grande esforço e a comunicação não é total, mas limitada. É

⁴ Segundo o Dicionário Online Michaelis, é o casamento que se realiza entre pessoas da mesma casta, classe social ou tribo. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=endogamia>. Acesso em fevereiro de 2017.

⁵ Por exemplo: surdez hereditária, problemas no parto, ingestão de remédios, etc.

⁶ Notícia publicada pela ADAP – Associação de Deficientes Auditivos, Pais, Amigos e Usuários de Implante Coclear em 2013. Disponível em: <http://www.adap.org.br/site/index.php/artigos/20-deficiencia-auditiva-atinge-9-7-milhoes-de-brasileiros>. Acesso em fevereiro de 2017.



necessário, portanto, avaliar até que ponto o feminismo e o movimento lésbico têm sido interseccional e refletido sobre a questão das mulheres surdas, introduzindo-as em ambientes saudáveis de convívio entre mulheres e mulheres lésbicas.

Por séculos a lesbiandade tem sido tomada como crime, doença e pecado. “Hekma (1995) observa que na sociedade ocidental até o século XVIII, [...] ato sexual sem fins procriativos, era um pecado que poderia levar à pena de morte” (NASCIMENTO, 2009). Segundo diversas culturas, o desvio da norma, seja relacionado à sexualidade ou ao corpo físico, é obra do mal e deve ser exterminado. A cultura romana, por exemplo, matava aqueles cujo corpo não era apto à guerra, afirma Strobel:

Na Roma não perdoavam os surdos porque achavam que eram pessoas castigadas ou enfeitiçadas, a questão era resolvida por abandono ou com a eliminação física - jogavam os surdos em rio Tiber. Só se salvavam aqueles que do rio conseguiam sobreviver ou aqueles cujos pais os escondiam, mas era muito raro – e também faziam os surdos de escravos obrigando-os a passar toda a vida dentro do moinho de trigo empurrando a manivela. (STROBEL, 2009, s/p)

O corpo feminino possui como principal, para não dizer único, objetivo a procriação para perpetuação da espécie, para gerar guerreiros. Logo, o corpo lésbico abandona – e o pior, por vontade própria – a sua finalidade. Feministas como Monique Wittig questionaram se seria a lésbica uma mulher de fato. Afirma ela:

Seria incorreto dizer que as lésbicas se associam, fazem amor, vivem com mulheres, pois "mulher" tem significado apenas em sistemas de pensamento heterossexuais e em sistemas econômicos heterossexuais. As lésbicas não são mulheres. (WITTIG, 1980)

Segundo a norma comum, a mulher é identificada pelo seu papel de acompanhante do homem, assim como procriadora de sua prole. Dentro dessa norma, a quem e a quem a lésbica serviria? A ela mesma, é fato. A ela e suas semelhantes. Eis porque são até hoje marginalizadas, blasfemadoras, desviadas. Pelo fato de não servirem à supremacia masculina, mas, pelo contrário, atuar pela destruição desta.

Também devido a isso, a mulher surda e lésbica não é considerada, não é vista ou sequer imaginada. Pois se a surdez não é uma escolha do indivíduo, mas uma função do corpo, e muitas das vezes já nasce com o indivíduo; a lésbica, por outro lado, supostamente escolhe sê-lo, ela não é tomada por coitadinha, mas por afrontosa, afronta à presença e poderio masculino. Assim, a violência e opressão que a lésbica sofre não são verdadeiramente discutidas e combatidas.



O grito da lésbica torturada na família, nas prisões, nos manicômios permanece não escutado. Ela pode pedir ajuda a outros na sua dor, mas ela não pode ser ouvida porque ninguém parece estar escutando. Poucos ousam escutar. Quase ninguém toma posição. E eu acrescentaria que poucos parecem se importar com a sua tortura, talvez por ela ousar ser uma lésbica. (HAWTHORNE, 2006)

A junção mulher + surda + lésbica impressiona porque a mulher surda deixa de buscar um protetor, seja surdo ou ouvinte. O relacionamento entre duas mulheres nunca configura segurança, pelo contrário, é um ataque constante, o que pode se agravar quando é entre duas mulheres surdas. A autoestima e formação da identidade, já severamente prejudicada entre as mulheres, encontra ainda maiores empecilhos na lésbica e na surda. A história, contada pelos brancos, ricos, heterossexuais, cristãos e ouvintes, faz da mulher uma presa fácil. Como disse Beauvoir, até a vida das mulheres ilustres “são pálidas figuras ao lado das dos grandes homens” (BEAUVOIR, 1980, p.30). Também a mídia é inimiga cruel das mulheres, reproduzindo discursos de ódio ou até mesmo uma falsa reverência, contudo, “ser reverenciado não significa ter liberdade” (FIRESTONE, 1976, p. 89).

Os surdos também são apagados da história, afinal, quando aprendemos sobre um surdo célebre na história? Porém, como documentado por Strobel (2007), o inventor da luz elétrica, Thomas Edison, era surdo. A mídia também exerce seu papel, seja ocultando ou mostrando a sudez de forma equivocada. As raras vezes em que o surdo é mostrado a palavra ‘surdo’ é evitada, trocada por ‘mudinho’, ‘surdo-mudo’, ‘deficiente auditivo’. Sendo que “as palavras utilizadas para designar as pessoas ou as deficiências acompanham os valores de cada sociedade, em cada época, e passam a ser incorretas quando esses valores e conceitos vão sendo substituídos por outros” (NOGUEIRA, CARNEIRO, 2012).

O papel nulo e ridicularizado da lésbica na história e na mídia, então, é presente e expressivo tanto quanto os grupos citados. Quem é a lésbica? Não sabemos. Aqui, conclui-se a importância da participação lésbica e surda no movimento de mulheres. Deixá-las à margem representa um retrocesso e uma reprodução dos mesmos moldes patriarcais que conhecemos tão bem.

Entrevista com K.

Para melhor desenvolvimento desta pesquisa, em conjunto com o trabalho teórico, foi realizada uma entrevista com K., mulher, surda e lésbica não feminina, que preferiu manter seu nome anônimo. A participação dela foi essencial para uma melhor abordagem da questão. Até os dias atuais os grupos sociais com minorias de direito têm suas decisões tomadas por outros e assim



possuem suas vivências, opiniões e verdadeiras necessidades ocultadas. Nas palavras de Foucault, esses sabem e o dizem perfeitamente, porém “existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber” (FOUCAULT, 1984, p. 42). Assim, eis a necessidade e importância das palavras de K. para a conclusão deste artigo.

Primeiramente, é preciso destacar que a K. possui implante coclear⁷, o que, certamente, muda a perspectiva do indivíduo. K. destaca que não tem tanto contato com a cultura surda e começou a aprender Libras no ano passado. Entretanto, ela recebeu o implante a menos de 2 anos, o que significa que passou a infância, adolescência e parte da vida adulta como surda, sem o implante coclear e sem o auxílio da Libras, se comunicando através da leitura labial.

Para falar sobre a dificuldade sofrida antes do implante coclear, retomo suas palavras de forma integral⁸:

Eu tinha muita dificuldade de aprender, tinha a questão do cansaço de fazer leitura labial para tudo seja conversando com amigos, vendo um filme ou legendas de um filme e depois ter que ler tudo sobre o conteúdo que eu queria estudar e ainda assim não compreendia, se colocar CC nos vídeos do you tube por exemplo muitas coisas saem do contexto. (K, 2017)

Devido a isso, permanecer uma surda não implantada e aderir ao uso da Libras pareceu uma opção com maiores empecilhos. Afirma ela: “penso que se eu tivesse aprendido só libras ia perder muitas coisas que dão sentido ao mundo”. Além do mais, as pessoas ouvintes incentivam tal decisão, argumentando que usar Libras é “mais fácil”, pressupondo que o surdo escolhe apenas se relacionar com outros surdos, ficar em seu próprio mundinho. Sem perceber que o uso de sua língua materna e a relação com seus semelhantes é um direito alienável. E sem perceber que se o surdo que se comunica através da Libras muitas vezes se isola, é devido ao desinteresse dos ouvintes em se comunicar e relacionar com os surdos.

Sobre as impressões dela quanto ao mundo ouvinte, K. também reafirma o preconceito escancarado e a exclusão dos surdos nas relações sociais. O fato do surdo se comunicar de forma viso-gestual, enquanto que o ouvinte se comunica de forma oral-auditiva, acaba por criar uma barreira linguística, como se os surdos fossem estrangeiros dentro de seu próprio país. Diz K.:

⁷ É um implante colocado cirurgicamente dentro do ouvido do surdo, restaurando a função da audição. Porém, há riscos durante e após a cirurgia, assim como a possibilidade de não funcionar de forma eficaz.

⁸ O texto não foi modificado ou corrigido, sendo que a entrevista foi realizada em linguagem informal, via internet, no dia 11/02/2017.



Às vezes as pessoas, não pedem licença por que acham que não vou ouvir, não pedem informação pelo mesmo motivo ou se eu respondo algo errado as pessoas pensam tadinha é surda não ta entendendo nada. (Ibidem)

Quanto à sua sexualidade, K. diz não ver alguma relação entre o preconceito entre ser surda e ser lésbica e destaca que, apesar da mentalidade mais conservadora da mãe, moradora de cidade pequena, ainda assim se sentiu aceita e apoiada, tanto em sua surdez quanto em sua sexualidade. Segundo K., “ela [a mãe] só tinha medo dos comentários das pessoas e da reação delas e do que eu poderia sofrer por ser lésbica” (Ibidem). Ainda assim, ela destaca que só se assumiu ao mudar-se para São Paulo capital, onde estabeleceu contato com feministas e outra lésbica surda, que não usa implante coclear e se comunica através da Libras.

Mesmo na maior cidade do país, onde tantas diferenças convivem juntas, ela diz ainda perceber pouca atenção voltada aos interesses e necessidades das pessoas surdas. Assim como ainda ouve comentários maldosos sobre sua vestimenta e seus relacionamentos com outras mulheres. Positiva, ela encerra a entrevista afirmando que hoje se sente bonita e exige respeito à sua identidade e que sonha em ensinar aos surdos o que aprendeu. Diz ela:

[...] eu tinha muitos preconceitos porque era assim que meu mundo era. Assim que eu via o mundo. Sim, eu espero que aprendendo libras eu possa passar um pouco do que aprendi para outras pessoas surdas. Porque vejo muita reprodução de preconceito na cultura surda. (Ibidem)

Conclusão

A libertação, a autonomia e identidade das mulheres depende cada vez mais de incluir as mulheres dos mais diferentes grupos, regiões, raças, crenças e classes sociais; e não limitá-lo à mulher branca, heterossexual, classe média-alta, cristã e não portadora de necessidades especiais, pois as mulheres encontradas fora desses grupos são as que estão em maior estado de vulnerabilidade, ou seja, as que mais necessitam do feminismo como forma de conhecer-se, construir-se e proteger-se.

Assim, através de abordagem teórica e da entrevista com a K., foi possível fazer algumas reflexões sobre a condição de ser mulher e lésbica que se encontra com a surdez. Dessa forma, foi possível abordar questões como linguagem, preconceito, inclusão, identidade e interseccionalidade dentro do movimento feminista e lésbico, ressaltando mais uma vez que outras condições, sejam elas físicas, mentais, sociais ou raciais estão entre a questão do ser mulher e ser mulher lésbica. É



necessário e urgente lembrar que não há A mulher lésbica, única e idealizada, há mulheres lésbicas em diversos contextos, com vivências diferentes e necessidades diferentes.

Somos várias, somos resistentes, somos lésbicas. E seremos maiores quando as lésbicas surdas estiverem conosco.

Referências

- ABREU, Fabrício. *Vozes silenciadas*, 2011. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3270/1/2011_FabricioSantosDiasdeAbreu.pdf. Acesso em janeiro de 2017.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo II*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.
- DWORKIN, Andrea. *Pornography: men possessing women*. New York: Penguin Books, 1981.
- FREIRE, Aline; SANTOS, Sandra. *A importância da libras na construção da sexualidade da pessoa com surdez*, 2012. Disponível em: http://educonse.com.br/2012/eixo_14/PDF/2.pdf. Acesso em fevereiro de 2017.
- HAWTHORNE, Susan. *Ódio antigo e sua manifestação contemporânea: a tortura de lésbicas*, 2006. Disponível em: <https://radfeminismo.noblogs.org/post/2015/01/13/odio-antigo-e-sua-manifestacao-contemporanea-a-tortura-de-lesbicas/>. Acesso em fevereiro de 2017.
- HIRATA, Helena. *Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais*, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v26n1/05.pdf>. Acesso em fevereiro de 2017.
- KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?* 1783. Disponível em: <http://bioetica.catedraunesco.unb.br/wp-content/uploads/2016/04/Immanuel-Kant.-O-que-%C3%A9-esclarecimento.pdf>. Acesso em janeiro de 2017.
- KARNOPP, Lodenir. *Literatura surda*, 2008. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf. Acesso em fevereiro de 2017.
- LABORIT, Emmanuelle. *O grito da gaivota*. 2ª edição. Lisboa: Editorial Caminho SA, 2000.
- LEBEDEFF, Tatiana. *A importância da língua de sinais no desenvolvimento da criança surda: uma discussão a partir dos pressupostos de Jerome Bruner*, 2010. Disponível em: http://www.portalnepsul.com.br/admin/uploads/2006/Educacao_Inclusiva/Painel/07_11_53_PA011.pdf. Acesso em fevereiro de 2017.
- NASCIMENTO, Andréa. *“Cura” da homossexualidade: uma questão patológica ou de aceitação social?* 2009. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/148.%20%93c%20ura%94%20da%20homossexualidade.pdf. Acesso em fevereiro de 2017;
- NEGRELLI, Maria; MARCON, Sonia. *Família e criança surda*, 2006. Disponível em: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/viewFile/%205146/3332>. Acesso em janeiro de 2017.
- NOGUEIRA, Clélia; NOGUEIRA, Marília; NOGUEIRA, Beatriz. *Surdez, libras e educação de surdos*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2013.



Primeiro Impacto – SBT, 2016. Disponível em: <http://www.sbt.com.br/jornalismo/primeiroimpacto/noticias/81212/Apenas-1-dos-surdos-tem-emprego-com-carteira-assinada.html>. Acesso em janeiro de 2017.

SAVIANI, Dermeval. *Educação e democracia*. Campinas: Autores Associados, 1997.

Sou Surda e Não Sabia. Direção: Igor Ochronowicz. 2009. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vw364_Oi4xc. Acesso em janeiro de 2017.

STROBEL, Karin. *História da educação de surdos*, 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducaoSurdos.pdf. Acesso em fevereiro de 2017.

STROBEL, Karin. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. In: QUADROS, Ronice; PERLIN, Gladis (Orgs.). *Estudos surdos II*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2007.

VIDAL, Ava. ‘Feminismo interseccional’: que diabos é isso? (E porque você deveria se preocupar). Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/2014/07/feminismo-interseccional-que-diabos-e-isso-e-porque-voce-deveria-se-preocupar/>. Acesso em janeiro de 2017.

WITTIG, Monique. *O pensamento heterossexual*, 1980. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/162603/Wittig,%20Monique%20O%20pensamento%20Hetero%20pdf.pdf>. Acesso em janeiro de 2017.

